

PIBID COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO: EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Matheus Brandão Santana de Lima ¹
Giovana Lemos Antunes Lizo ²
Rogério Augusto Vogado Rodrigues ³
Sissilia Vilarinho Neto ⁴
Gleison Gomes de Moraes ⁵

RESUMO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) configura-se como uma ferramenta fundamental na formação de professores, integrando teoria e prática de maneira reflexiva. Os bolsistas acompanharam a turma do 6º ano B, observando uma metodologia que mesclava aulas expositivas, uso da sala de informática e atividades práticas. Um dos destaques foi o trabalho com jogos de salão, mormente com xadrez e dama, em que foram utilizados tanto tabuleiros adaptados com tampas de garrafas PET, quanto plataformas digitais. Nestas aulas, os bolsistas atuaram em sala, auxiliando nas atividades e desenvolvendo habilidades como comunicação, gestão de sala e adaptação às necessidades dos alunos. Destaca-se ainda a organização do projeto de jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e africanas, possibilitando a vivência de brincadeiras que expandem o conhecimento intercultural e histórico, ampliando a visão dos bolsistas sobre a importância de uma matriz curricular diversa na Educação Física. Portanto, a experiência no PIBID se fez fundamental para a formação inicial dos bolsistas, proporcionando uma compreensão abrangente da complexidade do trabalho docente. Ao vivenciarem o cotidiano escolar, os participantes puderam constatar a importância do planejamento pedagógico articulado com a realidade local, a iniciação à docência e a difícil gestão de recursos materiais e humanos.

Palavras chave: Trabalho Docente; Formação inicial; Educação Física; Escola.

1 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás - UFG, matheus.brandao@discente.ufg.br;

2 Graduando pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal - UFG, giovanaledes@discente.ufg.br;

3 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Estadual - UFG, rogerio_augusto@discente.ufg.br;

4 Doutora pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal - UFG, sissilia@ufg.br;

5 Professor orientador: Mestre pelo curso de Educação Física da Universidade Federal - UFG, gleisongomesu2@gmail.com





INTRODUÇÃO

A formação docente em Educação Física tem passado por intensas ressignificações, especialmente quando atravessada por vivências que nos colocam frente à realidade concreta da escola. Dentro desse cenário, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) não se apresenta apenas como uma etapa da graduação, mas como uma verdadeira arma de transformação do trabalho docente, ao nos inserir em um ambiente que exige olhar crítico, sensibilidade pedagógica e disposição para reinventar a prática. Mais do que observar, o PIBID nos faz entender diferentes realidades, no sentido de que lidamos com a nossa realidade, dificuldades e nuances dentro do programa, com a realidade da relação faculdade-escola e com toda a realidade do ambiente escolar, dentro e/ou fora da sala de aula.

A experiência desenvolvida na Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Dolles evidenciou como o PIBID rompe a barreira entre teoria e prática, convidando-nos a assumir um papel ativo nos processos pedagógicos. Ao participar de planejamentos, conduzir atividades com turmas do ensino fundamental e presenciar conselhos de classe, fomos compreendendo que ser professor vai muito além de transmitir conteúdos: é construir sentido, criar estratégias, lidar com diferentes ritmos e, principalmente, reconhecer a escola como território cultural e social. Nesse caminho, projetos como a inserção de práticas corporais de matriz indígena mostraram-se fundamentais para entendermos a docência como ato político, desafiando currículos engessados e promovendo a valorização de saberes historicamente silenciados.

Dessa forma, este relato de experiência tem como objetivo apresentar como o PIBID se constitui como um instrumento de transformação do trabalho docente na Educação Física, evidenciando os impactos formativos dessa vivência na construção de uma prática pedagógica crítica, afetiva e socialmente comprometida. Por meio das intervenções realizadas, das reflexões coletivas e dos enfrentamentos vividos no contexto escolar, buscamos demonstrar como o programa fortalece a compreensão do professor como agente de mudança e da educação como espaço de criação, resistência e transformação social.





METODOLOGIA

A metodologia que orienta este trabalho configura-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na vivência de nossa participação como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Licenciatura em Educação Física, desenvolvida em uma escola pública de Ensino Fundamental. A escolha por este formato se justifica pelo compromisso de narrar, interpretar e refletir criticamente sobre experiências reais de construção docente, compreendendo que a formação emerge da prática vivida e se ressignifica na interação entre ação e reflexão.

Nosso percurso metodológico estruturou-se a partir de um processo de imersão formativa, orientado por um Plano de Trabalho que ultrapassou a mera observação pontual do ambiente escolar. Inicialmente, realizamos o reconhecimento da infraestrutura da escola, mas a formação ganhou potência ao nos inserirmos plenamente nas dinâmicas pedagógicas. Participamos de planejamentos coletivos, conselhos de classe e tomadas de decisão educativas, o que nos permitiu entender a docência como um ato que exige não apenas domínio de conteúdo, mas sensibilidade avaliativa, escuta da comunidade e capacidade de negociação.

Durante nossa atuação com turmas, como o 6º ano B, experimentamos metodologias lúdicas e criativas que exigiram adaptação de recursos e estratégias, como o trabalho com jogos de salão utilizando materiais alternativos, a exemplo de tampas de garrafas PET, integrados a propostas digitais. A prática no campo real possibilitou o desenvolvimento de habilidades de gestão de sala, condução de atividades e comunicação pedagógica, que até então conhecíamos apenas no plano teórico.

Um marco significativo deste processo foi a execução do Evento de Ressignificação Cultural, centrado nos “Jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e africanas”. Essa atividade ultrapassou o caráter motor das práticas corporais ao exigir que apresentássemos aos estudantes, por meio de rodas de conversa, a origem, o valor simbólico e a importância sociocultural de cada brincadeira. Vivências como o projeto de jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e outros eixos temáticos da educação física nos mostram como a mediação do ensino pode ser voltada para a ressignificação intercultural na formação do nosso país,





colocando a Educação física em um campo resistência cultural, contribuindo para a construção de uma prática docente politicamente consciente e comprometida com a valorização da diversidade étnica.

O registro sistemático das experiências ocorreu por meio de diários reflexivos, diálogos entre bolsistas e supervisores e reconstruções analíticas das ações desenvolvidas, constituindo o corpus de análise qualitativa. Para interpretar essa trajetória, adotamos três eixos centrais emergentes das vivências:

- a) práticas pedagógicas desenvolvidas e sua relação com a construção da identidade docente;
- b) metodologias experimentadas, com destaque para a abordagem lúdica intercultural;
- c) impactos formativos na compreensão do trabalho docente e da Educação Física como instrumento de transformação sociocultural.

Dessa forma, assumimos uma perspectiva dialógica e descritivo-analítica, na qual a vivência prática (ação) articula-se com a reflexão crítica (interpretação), consolidando uma metodologia experiencial capaz de fortalecer a identidade docente em construção. Com isso, reafirmamos o PIBID não apenas como um programa de iniciação à docência, mas como um motor metodológico que transforma a prática pedagógica em base epistemológica e projeta o professor como agente de mudança social.

No anexo abaixo, consta o nosso modelo de plano de trabalho, organizado previamente à nossa integração na escola. O plano segue uma estrutura que nos dá bagagem para refletirmos sobre as atividades feitas e/ou acompanhadas no campo escolar. É importante ressaltar que o acompanhamento das aulas começou em fevereiro, então tivemos cerca de um semestre para que pudéssemos analisar, refletir e colocar em prática o que aprendemos e superar os nossos desafios no que diz respeito à toda a esquematização escolar e as nuances que acabam surgindo de diferentes sujeitos - professores, alunos e organização escolar.



Plano de desenvolvimento das atividades¹

Local de formação	Etapas Pibid	Ações	Datas	Responsáveis/envolvidos	Produtos (fotos, textos, memória, frequência, relatório, resumo, etc)
IES	Formação da Equipe / Planejamento / Formação				

Local de formação	Etapas Pibid	Ações	Datas	Responsáveis/envolvidos	Produtos (fotos, textos, memória, frequência, relatório, resumo, etc)
Escola	Organização e Preparação (ambientação)				

Local de formação	Etapas Pibid	Ações	Datas	Responsáveis/envolvidos	Produtos (fotos, textos, memória, frequência, relatório, resumo, etc)
Escola/ Com alunos educação básica	Desenvolvimento de Atividades Formativas e Didático-Pedagógicas em espaços diversos				





Com todo o planejamento, visita e acompanhamentos acabamos nos integrando bem com os funcionários da escola e os alunos, nos fazendo sentir que éramos parte da realidade daquela escola.

O plano de trabalho acabou sendo um documento norteador para toda a esquematização do trabalho docente. O planejamento foi feito de forma individual por todos os bolsistas, entretanto, foi discutido nos encontros de planejamento, execução e socialização de maneira conjunta.

As primeiras partes são de reconhecimento, onde exploramos a escola e nos inserimos dentro do ambiente escolar, tendo contato com todos os funcionários da escola, além claro, de reconhecermos todos os espaços da infraestrutura.

Posteriormente, vamos as aulas acompanhadas e planejamentos de regência executados, onde se deu maior parte da (trans)formação dos bolsistas enquanto atuantes no papel de professores. O contato com o contexto escolar de forma geral revelou muitas nuances, detalhes e desafios que nos fizeram refletir sobre o trabalho que estávamos fazendo e sobre o que pensávamos a respeito de uma formação transformadora, tanto para nós enquanto professores quanto para os alunos que estavam se desenvolvendo ali conosco. A cada dia de aula, a cada planejamento e a cada pergunta respondida, surgiam outras problemáticas a serem enfrentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando nós, bolsistas de E.F da UFG, iniciamos a vivência na Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Dolles, tínhamos a ciência de que o PIBID já se apresentava como uma ferramenta fundamental para integrar a teoria e a prática. Minha experiência pessoal, acompanhando o planejamento e o conselho de classe, rapidamente me fez constatar que o trabalho docente é de uma complexidade muito maior do que imaginávamos.





No entanto, o ponto de virada para mim foi a organização do projeto de “Jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e africanas”. Ao me aprofundar nas práticas corporais de matriz indígena — como a brincadeira “Gavião e Passarinhos”, que ficou sob minha responsabilidade —, eu, Matheus, tive uma percepção nítida sobre um problema estrutural: a invisibilização desses saberes nos currículos e nas práticas escolares.

Pela minha ótica, de professor regente, foi como se eu percebesse a camada mais fina do que eu estava ensinando — uma camada que, por vezes, tenta esquecer uma parte essencial do nosso patrimônio cultural. Eu vi claramente que os alunos tinham pouco ou nenhum contato com conteúdos que bebem das fontes de matrizes indígenas, algo que me colocou em uma reflexão crítica sobre a própria estrutura educacional.

Essa minha observação, vivenciada no chão da escola, tem uma lógica e é validada pelos estudos acadêmicos. O trabalho de Thaisa Santos Barale (2024), por exemplo, evidenciou que tanto estudantes quanto professores de Educação Física possuem desconhecimento ou conhecimento superficial sobre a cultura indígena e suas práticas corporais. Essa constatação nos fez entender que o problema desse “apagamento” está enraizado nos currículos há muito tempo.

Analisando o Documento Curricular de Goiás (DCGO), eu percebi a marginalização na prática: a única chance de inserir o conteúdo indígena de forma oficial seria diluindo-o na competência ampla de “brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo”. Isso reforça uma lógica excludente que privilegia o conteúdo de matriz eurocêntrica e ocidentalizada.

Essa realidade me fez enxergar os limites do sistema educacional brasileiro e como a verticalização da educação, com seu viés colonialista, (des)autêntica um modo de ser, viver e aprender profundamente enraizado na coletividade e na relação com a natureza. A teoria, neste ponto do PIBID, deixou de ser abstrata e se tornou uma urgência prática: para que essas práticas sejam incorporadas de fato, nós, educadores em formação, precisamos rever os documentos curriculares, os livros didáticos e, principalmente, as formações docentes. Precisamos também perceber a escola como espaço de ressignificação intercultural, fazendo valer diferentes saberes, de diferentes povos e origens. Esse viés de trazer à tona essa ancestralidade se mostra fundamental como ferramenta de significação cultural e pode trazer mudanças estruturais na sociedade brasileira, desde um simples documento norteador para a educação quanto para servir de arma emancipatória a um ou inúmeros alunos que nem sequer





sabem de todo o contexto que os povos originários tem dentro do território nacional e no mundo e na história do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no PIBID possibilitou uma vivência concreta do trabalho docente, permitindo que compreendêssemos, de forma prática, os desafios e responsabilidades presentes no cotidiano escolar. Por meio das intervenções realizadas, do envolvimento em planejamentos e da condução de atividades com os alunos, fomos entendendo que ensinar exige preparo, adaptação e compreensão da realidade dos estudantes.

As experiências com práticas corporais de matriz indígena e africana colocam em cheque o fato de que a Educação Física pode contribuir para a valorização cultural e para a formação crítica dos alunos, reforçando a importância de conteúdos que vão além do esporte tradicional. Esses momentos mostraram que nós, enquanto professor, temos papel ativo na construção de uma escola mais inclusiva, consciente e crítica.

Ao analisarmos nossa trajetória durante o programa, percebemos que o PIBID foi essencial para fortalecer nossa identidade docente em formação. O contato direto com a escola nos ajudou a entender a docência como um processo que envolve planejamento, intervenção e reflexão constante. Dessa forma, concluímos que o PIBID se configura como um instrumento significativo de transformação na formação inicial, por nos aproximar da realidade educativa e nos preparar para atuar com maior clareza, responsabilidade e intencionalidade pedagógica.

REFERÊNCIAS

BARALE, Thaisa Santos. Os saberes das práticas corporais indígenas na educação física escolar. 2024. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/13725> Acesso em: 27 set. 2025.





GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. Documento Curricular para Goiás. Goiânia, 2018.

Disponível

em:

<https://goias.gov.br/educacao/wp-content/uploads/sites/40/2020/08/80d3d5d8ac56f920562e29f5ef9785df-2cf.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

